

# FATOS E NOTAS

---

## GUAPACARÉ.

### Região e pôrto do Vale do Paraíba.

---

PAULO PEREIRA DOS REIS

Da Sociedade de Estudos Históricos.

O pôrto de Guapacaré, Ipacaré ou ainda Hepacaré, situado antes do rio Paraíba encachoeirar-se, era o último ponto de escala, no Vale, para as bandeiras que buscavam o ouro mineiro. Do mencionado ancoradouro fluvial os viajantes se dirigiam para a garganta do Embaú, onde atravessavam a Mantiqueira em demanda dos sertões dos cataguá.

Azevedo Marques (1) afirmou que *Taubaté* é a corrupção da palavra *Itaboaté*, nome da aldeia dos índios guaianá que se fizeram inimigos de outros da mesma nação e dos portugueses,

“quando se extinguiu a vila de Santo André, por cujo motivo mudaram-se dos campos de Piratininga, ao passarem-se para êle os moradores daquela vila, e foram habitar partes dêles na região então conhecida pelo nome de *Ipacaré* em que estão assentes as cidades de Taubaté, Guaratinguetá e Lorena”.

Como se vê, Azevedo Marques julgava que os indígenas, antes do povoamento do Vale do Paraíba, designassem como *Ipacaré* a vasta região que inicia em Taubaté e se estende às terras de Lorena.

Foi, provavelmente, louvando-se nessa erudita fonte que Athayde Marcondes, em sua História de Pindamonhangaba (2), escreveu sobre o verbete “*Ipacaré*”:

“Nome dado à região onde viviam os selvagens puris e gerominis. Estendia-se desde Taubaté até Lorena. Os guaianases também se fizeram inimigos dos selvagens dessa tribo e dos portugueses de Piratininga”.

- 
- (1). — MANUEL EUFRAZIO DE AZEVEDO MARQUES, *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*, publicação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. Tipografia Universal de Eduardo & Henrique Laemmert. 1879, vol. 1, pág. 177.
- (2). — ATHAYDE MARCONDES, *Pindamonhangaba — apontamentos históricos, geográficos, genealógicos, biográficos e cronológicos — 1680-1906*. Verbetes *Ipacaré*, pág. 122.

No entanto, após o início do povoamento o vocábulo *Ipacaré* passou a designar, gradativamente, região menor para finalmente denominar apenas as terras que pertenceram à vila de Lorena no século XVIII. A denominação supra referida também foi aplicada, não poucas vezes, a um *rio* existente no pôrto ou em suas proximidades, como veremos: João Manoel Branco, que esteve na direção das minas de São Paulo, até 1639, quando foi substituído por Antão Lopes da Horta, pôr ato do Conde da Tôrre, de 14 de setembro do citado ano, quis uma data de 11 (onze) léguas de terras, em quadra, no sertão, no “*rio Guaipacaré*” (3). O General Artur de Sá e Menezes, Governador do Rio de Janeiro, concedeu a João de Castilho, da vila de Guaringuetá, uma provisão da passagem do “*rio Pacaré*” (4). Mas, no mesmo documento, linhas acima, está escrito “*Porto que hauia chamado de Pacaré*”.

Alfredo Moreira Pinto registrou, em seu Dicionário (5), “*Guaipacaré* (Hepacaré, *Ipacaré* segundo outros) era o nome que tinha o *rio hoje denominado Taboão*”.

Vejamos a interpretação de João Mendes de Almeida:

“Esta povoação era antigamente conhecida pelo nome de *Guaipacaré*; e pelos que navegavam o rio, era dito — o *pôrto de Hepacaré*. E já li que isto significava, em linguagem tupi, *lugar das goiabeyras*.”

*Hepacaré* é corrupção de *I — páu — ’ quá — ’ rê*, enseada da ilha do rio. De *i — páu*, ilha do rio, *aqúá*, esquina, *yêrê*, volta, formando *aqúá — yêrê*, enseada, ou volta que o rio faz”.

“Em verdade, nessa região, há uma ilha, em forma triangular, de sorte que, pelo braço do rio, à margem esquerda, quem navega tem de fazer uma grande volta; ao passo, que pelo outro braço, à margem direita, é quase reto o trajeto. A povoação estando à margem direita, era *Guaipacaré*, corruptela de *Gu — i — páu — áquá — rehê*, “em frente da ilha esquinada”. De *gu*, recíproco, para exprimir comunicação, *i-páu*, ilha do rio, *áquá*, esquina, ponta, *rehê*, em frente. Por contração *Gu — i — páu — quá — rê* (O som o *i* é gutural, com *a* fechado)” (6).

Também se encontra em documentos coloniais a palavra *Agua-pacaré*, como registra a sesmaria concedida, em 18 de maio de 1707,

(3). — PEDRO TAQUES, *Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica*, vol. 2, pág. 332.

(4). — Alvará de sesmaria e provisão de passagens de rios a João dos Reis Cabral, dados por D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, de 10-11-1705. *Documentos Interessantes*, vol. LI, págs. 314-317.

(5). — *Dicionário Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1898, vol. 2, pág. 381.

(6). — *Dicionário Geográfico da Província de São Paulo*. São Paulo. Tipografia Espindola, Siqueira & Cia. — 1802. Verbete *Lorena*.

pelo Governador do Rio de Janeiro, Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, a Bento Rodrigues Caldeira morador

“no caminho das minas há mais de doze anos, com sua casa e família onde chamam Aguapacaré Pôrto onde desembocam os Mineiros” ... (7).

Julgo mais adequada de tôdas a interpretação de Teodoro Sampaio que, aliás, não registra os verbêtes *Ipacaré*, *Pacaré*, *Hepacaré*, *Guaipacaré*, nem *Guaypacaré*, apenas *Guapacaré*,

“corr. *gua* — *upá* — *caré*, a lagoa torta da baixada, ou antes — o braço do rio” (8),

porque, na minha opinião, melhor se ajusta ao braço do Paraíba que existiu.

Capistrano de Abreu adotou essa mesma grafia — *Guapacaré* — em seus *Capítulos da História Colonial* (9). Aliás, no registro da sesmaria concedida a Martinho Silva Costa (10) há as seguintes palavras:

“Freguesia de N. S. da Piedade de *Goapacaré*”.

A corruptela para *Hepacaré* foi feita pelos usuários do antigo pôrto fluvial.

Ainda que seja satisfatória a explicação supra é lamentável que o desconhecimetro, quase completo, da língua dos puri não permita também um estudo da origem do vocábulo sob outro prisma. O restrito vocabulário, dêsse grupo de ameríndios, que consultei, recolhido, em 1885, por Alberto de Noronha Torreção e publicado na *Revista do Instituto Histórico* (11), fruto de apontamentos obtidos em apenas dois dias é, evidentemente, pelo açodamento da pesquisa e pelo exíguo espaço de tempo em que foi colhido, incompleto e lacunoso, nada contribuindo para o exame da palavra *Guapacaré* através da língua dos antigos habitantes da região lorenense, no médio Paraíba.

- 
- (7). — *Documentos Interessantes*. Da Coleção “Governadores do Rio de Janeiro”. L. XVIII, fls. 15 v. — vol. 52, págs. 70-72.
- (8). — Teodoro Fernandes Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*. 1a. edição, s/d. prefácio datado da Bahia, 8 de março de 1928; pág. 255.
- (9). — Livraria Briguiet. Rio de Janeiro, 1954, pág. 180.
- (10). — Livro 1. de Sesmarias, fls. 107, verso. Arquivo do Estado de São Paulo.
- (11). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LII, Parte I. Rio de Janeiro. Tipografia, Litografia de Laemmert & Cia. 1889, págs. 511 a 514.